Um Argumento de Anselmo aos Infiéis: a morte do filho nos capítulos oito, nove e dez do *Cur Deus Homo*

Everton Maciel[*]

***Resumo**: Esse artigo tem o objetivo de fazer uma leitura dos capítulos oito, nove e dez da obra Cur Deus Homo, de Anselmo de Cantuária (1033-1109). Percorreremos esse caminho isoladamente para resgatar os argumentos referentes à morte de Jesus Cristo e à necessidade que Anselmo via no sacrifício da carne para a redenção da humanidade. Mesmo sem aprofundar o tema, observaremos, ainda, a questão do pecado, tratada por Anselmo estrategicamente com objetivo de instalar um ponto de convergência entre cristãos, judeus e muçulmanos. A partir do objetivo prático do filósofo ï ser lido pelos ñinfiéis ò ï instrumentalizaremos a discussão contemporânea sobre a morte. Regressaremos ao tema percorrendo textos que buscam instalar uma nova discussão sobre os mesmos assuntos pertinentes e pretendemos oferecer, assim, uma chave de leitu r a p a r a a o b r a p e l o v i ® s d o com os homens de seu tempo, fossem eles cristãos ou não.*

***Palavras-chave**: Anselmo, cristianismo, infiéis, laicidade, monoteísmo*

1. **Introdução**

A obra *Cur Deus Homo, Por Que Deus se Fez Homem?* (CDH), de Anselmo de Cantuária, foi dividida em dois livros. O primeiro trata das razões para a fé cristã, direcionada aos infiéis de sua época, um conteúdo que não está na obra *Monologion*. No segundo livro, Anselmo expõe a encarnação do Verbo. Neste trabalho, isolamos os capítulos oito, nove e dez, da primeira parte, para extrair dali os argumentos de Anselmo sobre e morte de Jesus Cristo. O filósofo expõe a questão em um momento estratégico do seu discurso aos infiéis. Faz isso, antes de dedicar cinco capítulos à questão do pecado: ponto de encontro entre a fé cristã, judeus e muçulmanos, como veremos mais tarde. Quando dizemos que, entre outras coisas, Anselmo busca conversar com os infiéis, tratamos do mundo não-cristão do século

[*] Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal de Pelotas, bolsista CAPES.

XI. O monge usa uma linguagem essencialmente filosófica e monta sua obra com muita atenção, buscando ser melhor recebido por aqueles que não aceitam os sacramentos através da vida, morte e ressurreição de Cristo.

O prefácio do CDH nos mostra a preocupação filosófica que Anselmo tinha em tornar a sua obra uma referência irrefutável e universal para a aceitação do sacramento por Cristo. Apesar da primeira parte ser integralmente dedicada aos infiéis e à aceitação do Homem-Deus; a segunda também trabalha com um caráter indireto de conversão, na medida em que Anselmo argumenta que usará, por exemplo, a hipótese histórica da não existência física de cristo[1]. Trata-se de uma alternativa para demostrar, através dos argumentos dialéticos, a necessidade de que, em algum momento histórico, Deus se fizesse homem para cumprir o desígnio das Sagradas Escrituras. Trata-se de uma alternativa interessante para ser apresentada aos que não aceitam a vinda do Messias da forma como isso teria acontecido:

> partindo-se igualmente da hipótese de que Jesus Cristo não existisse, se demostra, com não menos evidência, o fato de que a natureza humana foi criada para desfrutar algum dia em corpo e alma da bem-aventurança eterna; e que era necessário que este desígnio para o qual o homem foi feito fosse cumprido; mas isso não pôde ser cumprido sem Deus ter-se tornado homem, e, portanto, que tudo que a fé nos ensina em relação a Cristo é algo necessário[2].

Temos, assim, o anúncio da tentativa de conversão pela via indireta, ou seja, demostrar que o Homem-Deus, mesmo que não tivesse existido até o século XI, precisaria se manifestar necessariamente em algum momento histórico. Sem a existência

[1] "A hipótese do *remoto christo*, referência metodológica para a leitura de *CDH*, procura verificar se, na ausência de Cristo, isto é, feita sua abstração, seria possível pensar a salvação do homem. Eliminar Cristo é condenar a humanidade à mais completa desesperança e infelicidade" (MARTINES, 2006, p.449).

[2] CDH, 2003, prefácio, p.15.

física do Verbo, se Anselmo estiver certo, a natureza humana foi feita para desfrutar, algum dia, do corpo e alma da Salvação.

Torna-se importante observar ainda a definição de "infiéis" presente do vocabulário da época e utilizada por Anselmo. Para o filósofo, infiel não é o mesmo que ateu ou agnóstico, como sugere nossa visão laicizada e secularizada contemporânea. No século XI, o infiel era, predominantemente, o muçulmano ou o judeu, aquele que não aceitava a encarnação do Verbo. Essa definição pode ser colhida no esclarecedor prefácio, onde Anselmo trata daquilo que será exposto na primeira parte da obra, a saber: "as objeções aos infiéis, aqueles que desprezam a fé cristã como contrária a razão; e também a resposta dos fieis". Nestas palavras, observamos a força dada a racionalidade humana. Em um mundo dividido entre três monoteísmos, o ponto de discussão sequer dizia respeito a possibilidade da não admissão de um Deus único, mas se tratava de reconhecer a encarnação do Pai, através do Filho. Anselmo julgava que, através da razão, poderia convencer infiéis sobre a necessidade do sacrifício da carne para a salvação da humanidade.

Esse caminho é especialmente bem delimitado. Paulo Ricardo Martines observa que

> os judeus rejeitavam a possibilidade da Encarnação Divina, uma vez que (1) não aceitavam a interpretação alegórica do Antigo, em favor de uma interpretação literal do texto bíblico (2) não concebiam como próprio da dignidade de Deus as humilhações e sofrimentos da Paixão[3].

Como veremos, são justamente esses os elementos caros para o desenvolvimento da teoria de Anselmo.

[3] 2006, p.448.

2. A Questão: o Todo-Poderoso faria algo com tanto trabalho?

Anselmo dá a Boso[4], personagem do seu diálogo, o papel de "advogado do diabo". O personagem, que se mostrará um interlocutor manso no segundo livro, deixa sua cristandade fervorosa de lado para se comportar, inicialmente, como porta voz dos infiéis, questionando Anselmo através dos pontos mais polêmicos da encarnação. Cabe destacar que Anselmo trata da morte de Cristo com grande cuidado, justamente por se tratar de um ponto delicado de aceitação da fé pela razão.

A pergunta que está em voga, ainda na entrada do capítulo 8, é referente à necessidade de um homem sofrer e morrer humilhado por exigência de Deus. Anselmo precisa enfrentar o argumento histórico de que isso não parece ter acontecido espontaneamente, o que enfraqueceria a tese da vontade de Deus estar operando. "Muitos duvidam de que realmente seja a vontade de Deus o que parece ir contra a razão", interpõe Boso em tom de questionamento, introduzindo o problema de "que o Altíssimo se rebaixe a tantas humilhações, que aquele que é o Todo-Poderoso faça uma coisa com tanto trabalho"[5]. Após a problematização, Anselmo explica que "Deus o Pai não tratou esse homem nem o condenou à morte pelos pecadores, sendo ele um inocente, da forma que tu dizes. Pois não o forçou à morte contra sua vontade nem permitiu que fosse morto, mas, antes, que ele mesmo buscou à morte para salvar os homens"[6].

3. O Homem não se resgata sozinho

A morte espontânea de Cristo é um problema que persiste e tem seus desdobramentos, após essa rápida introdução. No capítulo 9, são inseridos os conceihtos de verdade, justiça e retidão, todos muito caros para a filosofia de Anselmo. Ele trata do problema justamente do ângulo basilar da paixão e morte de

[4] Anselmo, de fato, teve um discípulo com o nome de Boso (MARTINES, 2006, p.448).
[5] CDH I, 2003, cap.8. p.33.
[6] idem, p. 34.

Cristo. A importância desses conceitos para a história da filosofia moral é o ponto utilizado para a distinção entre exigir a obediência e manter a obediência do Filho diante do Pai. Concordando, Boso diz: "ele observa de um modo retíssimo a verdade e a justiça em sua vida e em suas palavras[7]. O sofrimento de Cristo é uma exigência de obediência reclamada pelo Pai:

> Deus não obrigou, portanto, Cristo a morrer; já que nele não havia pecado, mas que Ele mesmo sofreu a morte não pela obediência de ter de abandonar a vida, mas pela obediência de ter de manter a justiça, na qual preservou com tanta constância que por ela sofreu a morte[8].

Não se trata, portanto, de um sofrimento por exigência da obediência, mas por manter a obediência por parte do Filho. A perseguição sofrida na paixão de Cristo é motivada pela retidão da verdade e justiça, tanto na vida quanto nas palavras do Messias. Essa retidão é exigida e todo ser racional deve isso a Deus. A obediência que resultou na morte da carne é a que aquele homem devia a Deus Pai. A mesma que a humanidade deve à divindade e que o Pai exige do Filho.

A confusão persiste na medida em que Boso admite o sofrimento pela obediência, mas não a exigência desse sofrimento. Com esse raciocínio, o homem não deveria ter sido sujeito à morte; Deus não deveria ter cobrado a vida dele. Anselmo explica que a criação racional foi criada justa e isso tem uma finalidade: ser feliz, alegrando-se com Deus. Assim, não se mantém o sentimento de obrigação, uma vez que Ele destinou a criação à bem-aventurança, um sentimento entregue a seres desgraçados sem culpa. É uma desgraça que o homem morra sem culpa. A conclusão desse ponto é colocada na boca de Boso: se Deus condenou, há culpa e não se trata de obrigação, uma vez que é uma desgraça morrer sem culpa alguma[9]. O sofrimento da morte de Cristo não foi por obrigação, culpa, ou obediên-

[7] idem, p.37.
[8] idem, p.38.
[9] idem. p.38.

cia de abandonar a vida, mas foi por obediência de manter a justiça que deve ser preservada constantemente e foi por justiça que Cristo sofreu a morte.

Nesse ponto, o texto de Anselmo adquire um caráter pedagógico, pois se pode ler o sentido de "obrigação" como um ordenamento de algo pelo qual se viria a morrer. A discussão é inserida com algumas citações do livro de João: "segundo a ordenação que recebeu do pai, assim procedeu [10]e bebeu o cálice que Ele lhe deu[11]; e foi obediente até à morte, e, assim, por aquilo que sofreu, aprendeu a obediência, isto é, até aonde deve-se se manter a obediência"[12]. Desta forma, a substituição do conceito de obrigação pelo de manutenção da obediência recebe um revestimento com a ideia de aprendizagem. E a palavra "aprendeu" ganha dois sentidos: o primeiro é ensinar aos outros a obedecer; depois, sabendo a teoria da obediência, aprende-se a sua prática. Não se trata de uma exaltação que requer a morte por obediência cega, mas uma exaltação conferida por obediência.

A morte, a partir desse ponto, é um acordo entre os elementos da Santíssima trindade: Pai, Filho e Espírito Santo. A intenção é revelar ao mundo a grandeza de seu poder unicamente pela morte. Cristo foi exaltado depois da morte como se tivesse sido por causa dela. Na realidade ele foi exaltado na morte, pois determinou receber esta exaltação por ela e depois dela. Eis o sentido pedagógico do texto que busca ensinar a obediência. Anselmo usa das palavras do próprio Cristo: "Eu não vim fazer a minha própria vontade, mas a vontade daquele que me enviou[13] [...]; Minha doutrina não é minha[14]"[15]. Nesse contexto, Anselmo observa que aquilo que alguém não tem por si, mas de Deus, não deve afirmá-lo como seu, mas do Pai. Isso parece dizer respeito tanto à obediência quanto à vida. A verdade e a retidão que o homem tem, não é de si, mas de Deus. Cristo, por

[10] Jo 14.31.
[11] Jo 18.11.
[12] idem. p.38.
[13] Jo 6.38.
[14] Jo 7.16.
[15] idem. p.39s.

esse motivo, não veio fazer sua própria vontade. Mas a vontade do Pai. Sua santa vontade não derivou de sua humanidade, mas de sua santidade.

Quando o Homem-Deus recusa o cálice, trata-se de um desejo natural de segurança da carne, fugindo da morte. Por isso, as palavras "se possível, afasta de mim esse cálice; porém não seja feita a minha vontade, mas a tua[16]"[17]. Nesse caso, não se trata de preferir a morte do Filho, mas a vontade do pai não estava disposta a restaurar a raça humana ao menos que fizesse uma coisa tão grande como o que representa a morte do Filho.

A argumentação de Anselmo chega ao ápice antes do encerramento do capítulo 9, quando ele conclui que não se trata de um sacrifício qualquer, praticado pelo Cristo na cruz. Não é a fé, acusada de ingênua pelos descrentes, mas é a razão que reivindica um sacrifício do Filho, um sacrifício para evitar que o gênero humano se perca:

> a razão não pedia o que outro homem não poderia fazer, por isso o Filho disse que o Pai quer sua morte e que Ele mesmo preferia sofrê-la antes que deixar o gênero humano se perdesse; como se dissesse: visto que Tu não desejas que a reconciliação do mundo aconteça de nenhuma outra maneira a não ser por esta, a este respeito, eu vejo que Tu desejas minha morte; portanto, que a tua vontade seja feita, isto é, que se realize minha morte e, então, o mundo possa ser reconciliado Contigo[18].

Mesmo diante de um ponto tão alto da argumentação, Anselmo não se deu por satisfeito diante da questão da morte de Cristo. Finalizou o capítulo 9 dizendo que o Pai não quer a reconciliação do mundo de nenhuma outra maneira diferente desta: através da paixão e morte do Filho. Se Cristo viu que o pai desejava sua morte, um sacrifício tão elevado só pode ter em vista a reconciliação do mundo. Desta forma o Pai desejou salvar a humanidade apenas com o homem, representado pelo

[16] Mt 26.39.
[17] idem. p.40
[18] idem. p.40.

Filho, fazendo algo grandioso e operando segundo a ordem do Pai. O homem, por si só, não tem esse senso de resgate em virtude da queda adâmica, por isso precisa do Homem-Deus.

4. A prova real de Anselmo

O capítulo capital de Anselmo sobre a morte de Cristo, definitivamente, é o novo. Todos os argumentos dispostos dentro do capítulo seguinte, onde Anselmo encerra a questão, poderiam ser apresentados dentro dos dois capítulos anteriores ou poderiam ser apresentados depois da argumentação sobre a remissão dos pecados. No entanto, ele prefere estabelecer uma nova marcação para conduzir de outra maneira àquilo já dito.

Reconstruindo o mesmo caminho do filósofo, observamos as palavras de Cristo, registradas no livro de João: "ninguém vem a mim se o pai não trouxer[19]"[20]. Anselmo reinterpreta esse ponto observando o impedimento que poderia ser imposto pela vontade do Pai, se Ele assim quisesse: "se Ele não o impede [o homem vai até o Filho]"[21]. Assim, ninguém segue para a morte por Cristo, se o Pai não o persuade. E Anselmo não vê nenhum inconveniente no fato de Deus só persuadir para a morte quando a vontade do Pai se manifesta. Levando em conta essa vontade, fica fácil aceitar que o Pai impeliu o Filho à morte bebendo o cálice voluntariamente. O Filho, por sua vez, se entregou pela humanidade com sua livre vontade: "a vontade recebida do Pai, o Filho o obedeceu até à morte e aprendeu por Seus sofrimentos o que é a obediência, ou seja, quão grande coisa é obedecer"[22]. Nessa medida, o Filho aprendeu como é verdadeira e simples a obediência, quando há natureza racional no corpo. Estes elementos reforçam o caráter pedagógico para o qual chamamos atenção anteriormente e que será igualmente importante entre os capítulos XI e XV, quando Anselmo destaca a questão do pecado e da necessidade de penitência. A obediên-

[19] Jo 6.44.
[20] idem. p.43.
[21] idem. p.43.
[22] idem. p.44.

cia, aqui, não opera por força, mas pela natureza que guarda, espontaneamente, a vontade recebida de Deus.

Temos a morte do Filho como piedosa e útil, uma vez que o Pai quis que o Filho sofresse uma morte nessas condições, mesmo não desejando seu tormento[23]. Disso, Anselmo conclui duas coisas. Primeiramente, seria impossível salvar o mundo de outro modo e a morte do Filho foi necessária para o cumprimento deste desígnio. Há ainda o sentido pedagógico para a palavra "útil". A utilidade busca ensinar que não se poderia salvar o gênero humano de outro modo a não ser por sua morte, uma vez que Ele morreu por livre vontade divina. Podemos notar que Anselmo demonstra uma grande sensibilidade no uso dos termos "ensinar", trabalhada agora, e "aprender", no capítulo IX. Esse é o caráter de catequização que sua obra fomenta, uma vez que sabemos que ela é dirigida aos infiéis.

Não satisfeito, e cumprindo seu papel de advogar contra os argumentos cristãos, Boso observa que tal tratamento não parece adequado entre tal Pai e tal Filho[24]. Nesse momento, Anselmo reforça o caráter útil da paixão de Cristo para a salvação do homem. Reinterpretando as palavras de Boso poderíamos ainda interpor: como a morte da paixão é razoável e necessária, na medida em que nem o Filho queria; nem o Pai deveria permiti-la. Essa ideia pode ser resumida em uma passagem genial que expressa o quanto é estranha à nossa mente a ideia de um Deus sanguinário, lunático e entregue a fetiches masoquistas: "parece muito estranho que Deus se deleite ou necessite do sangue de um inocente, de sorte que não queira ou possa perdoar ao culpado senão com essa morte"[25]. Encaminhando a questão da necessidade da morte de Cristo para o seu final, Anselmo utiliza um recurso centrado na autoridade, não qualquer autoridade, mas a autoridade divina. Para ele, quando há uma única razão para que algo seja assim, dizendo respeito a Deus, esta razão deve ser admitida: "tratando-se de Deus, assim como basta que haja um pequeno inconveniente para que se produza a

[23] idem. p.44.
[24] idem. p.45.
[25] idem. p.45.

impossibilidade, de igual modo, a uma razão, por pequena que seja, se não obsta em contrário a uma maior, segue forçosamente sua necessidade"[26].

5. Pecado e Perdão

A discussão sobre o sofrimento e a morte de Cristo encerra, estrategicamente, algumas linhas antes do final do capítulo X, onde Boso e Anselmo entram em um acordo sobre a aceitação desse princípio cristão. As palavras que se seguem daí, sobre o pecado, têm um caráter diferente daquele levantado através da morte. O Novo Testamento é deixado de lado, uma vez que o pecado representa um ponto de encontro dos três monoteísmos. Isoladas as peculiaridades que dizem respeito especialmente à remissão, muçulmanos e judeus aceitam o caráter pecador do homem.

No judaísmo, há um dia específico dedicado ao arrependimento. Yom Kipur é a data mais sagrada do calendário judeu. Segundo a professora Gisele Leite,

> Yom Kipur é um dia de introspecção e exame de consciência, em que os judeus se reúnem nas sinagogas para fazer uma confissão coletiva dos pecados e rezar pelo perdão divino, não só para o nosso povo, mas para toda a humanidade. Aliás, neste dia, os judeus se vestem de branco e aspiram a paz dos anjos[27].

Por outro lado, mas com características ainda mais peculiares, no mundo muçulmano, o pecado é uma presença constante na vida. Uma pesquisa realizada entre islâmicos, em 1992, aponta que a mais importante necessidade do meio muçulmano é o perdão dos pecados. A questão é tão importante e adquire tantas formas entre os seguidores de Maomé que recebe alguns caracteres absurdos como, por exemplo, a permanente subjuga-

[26] idem. p.45. O problema se estabelece se tomamos como critério para calcular a importância dessas razões justamente o fato delas dizerem respeito a Deus ou não.

[27] Ver referência; acessado em 10 de abril de 2011.

ção feminina. Entre as formas de remissão dos pecados descrita pelo professor Salim Almahdy, atribuídas aos Califas, seguidores do profeta de Meca, podemos encontrar a estranha forma utilizada para que uma filha consiga perdão para seu pai:

> a obediência da esposa ao seu marido ganha o perdão para o seu pai: Ibn Malik (um al Sahaba e um dos reitores do Alcorão) contou a história de um homem que saiu para uma jornada e disse à sua esposa que não saísse do seu quarto no andar de cima. O pai dela morava no andar de baixo e ficou doente. A mulher mandou uma pessoa pedir a permissão do profeta para visitar o pai no andar de baixo da casa. Ele respondeu: "Obedeça ao seu marido". O pai morreu e foi sepultado sem a presença dela. Mais tarde, o profeta a informou que Deus havia perdoado o seu pai como resultado da obediência dela ao seu marido[28].

Outras formas excêntricas para alcançar o tão valioso perdão podem ser encontradas em vários formatos e variações. No geral, o binômio pecado-perdão é convergente aos três monoteísmos e as variações singulares dizem respeito muito mais ao grau do que a forma. Observando isso, não fica complicado de entender porque Anselmo dá tanto valor ao assunto e considera o tema uma forma de se chegar a argumentos a favor da fé cristã, mesmo diante da suposição estabelecida com Boso: a possibilidade de nunca ter existindo o filho de Deus. Assim, a remissão da queda adâmica, no cristianismo, ganha corpo com a morte de um messias. O inglês Richard Dawkins chama atenção para o sacrifício expiatório:

> Deus encarnou-se como homem, Jesus, para que pudesse ser torturado e executado em expiação do pecado hereditário de Adão. Desde que Paulo expôs essa doutrina repugnante, Jesus vem sendo adorado como redentor de todos os nossos pecados. Não apenas o pecado passado

[28] Ver referências; acessado em 10 de abril de 2011.

> de Adão: pecados futuros também, decidam ou não as pessoas futuras cometê-los[29].

Mesmo ateu e crítico violento dos modelos religiosos, Dawkins observa o ponto de encontro entre a morte de Cristo e o perdão dos nossos pecados. Vai além: nota a não-temporariedade desse sacrifício, fazendo alusão às gerações futuras. Esse problema era presente em Anselmo na questão da necessidade de Deus em entregar seu Filho para redimir o pecado adâmico.

Levando em conta que os judeus ainda estão aguardando a vinda do seu messias e os muçulmanos já receberam a visita de oito profetas, a argumentação cristã de Anselmo, inicialmente, através da morte de Cristo, depois, pelo viés do pecado, pode ser um forte argumento aos "infiéis".

6. Conclusão

Como nossa proposta nesse trabalho busca dar conta daquilo que diz respeito à morte de Cristo, apenas resgatamos elementos da importância do tema envolvendo o pecado, para ilustrar a destreza de Anselmo em posicionar o Corpo e Sangue da eucaristia cristã em um momento singular de sua obra, ou seja, antes de uma discussão mais abrangente que interessa às três grandes religiões: a remissão do pecado, afastada do contexto do Novo Testamento. Se judeus e islâmicos tiveram contato com os escritos de Anselmo, a rivalidade patrocinada pela história não nos permite saber. A importância de chamarmos a atenção para o tema ocupa um espaço importante, na medida em que deixamos de olhar para as grandes religiões a partir das suas diferenças latentes o observamos os pontos de encontros existentes entre elas. Para o polêmico escritor americano Chistopher Hitchens,

> há um paradoxo central no cerne da religião. Os três grandes monoteísmos ensinam as pessoas a pensar em si

[29] 2007, p.325.

> mesmas de forma abjeta, como pecadoras infelizes e culpadas prostradas frente a um deus raivoso e ciumento que, de acordo com relatos divergentes, as fez de poeira, barro ou um coágulo de sangue. As posições para oração normalmente são cópias do servo suplicante frente a um monarca mal-humorado. A mensagem é de contínua submissão, gratidão e medo. A vida em si é algo pobre: um intervalo durante o qual a pessoa deve se preparar para a vida seguinte ou o advento [...][30].

Deixando a morte de Cristo de lado, a discussão sobre o tema central passa a ser apenas a morte. Isolada a variação do sacrifício do Homem-Deus, trata-se de buscar a salvação das almas com a despedida dos corpos e completar o vazio de nossas vidas com algum tipo de redenção que só pode ser encontrada em outro mundo. É o nosso medo da morte que centraliza o tema em qualquer momento histórico. Buscar a salvação da humanidade pela morte de um Homem-Deus é apenas uma variação da mesma questão central. Michel Onfray, filósofo francês, chama atenção para o tema interrogando:

> a vida lhes parece insuportável tendo a morte como fim inevitável? Logo dão um jeito de achar o inimigo para governar sua vida, querem morrer um pouco, regularmente, todos os dias, a fim de, chegada a hora, acreditar que o traspasse seja mais fácil. As três religiões monoteístas convidam a renunciar ao viver aqui e agora sob pretexto de que um dia será preciso consentir nisso: elas exaltam um além (fictício) para impedir a fruição plena deste mundo (real). Seu combustível? A pulsão de morte e incessantes variações sobre esse tema[31].

Apesar do tom agressivo dos autores seculares, esse trabalho não buscou menosprezar o filósofo do século XI. Pelo contrário, pretendemos apresentar uma chave de leitura importante do ponto de vista histórico, chamando atenção para a maestria de Anselmo quando "conversa" com seus opositores atra-

[30] 2006, p.73.
[31] 2007, p.52.

vés de temas tão caros a qualquer doutrina religiosa da época. Como podemos observar, a congruência do problema da morte nos três monoteísmos é ainda mais latente se deixamos de trabalhar o viés cristão isoladamente, e passamos a observar o contexto psicológico ao qual se aplica o problema central.

Levando em conta que esses elementos dizem respeito aos três monoteísmos, podemos ampliar, ainda mais, o mérito de Anselmo, uma vez que o filósofo conseguiu trabalhar com propriedade temas tão delicados e caros tanto para sua religião, quando para o circulo de "infiéis". Conhecemos a influência do *Cur Deus Homo* para a filosofia ocidental cristã. Infelizmente, o que a história não nos permite saber é a forma como uma obra tão importante foi recebida pela parte mais controversa do público ao qual se destinava.

7. Referências

ANSELMO. **Por que Deus se fez Homem?** Tradução: Daniel Costa. Novo Século: São Paulo, 2003.

ALMAHDY, Salim. **O Perdão no Islamismo**. Acesso em 10 de Abril de 2011: http://pt.scribd.com/doc/9617216/O-Perdao-No-Islamismo

DAWKINS, Richard. **Deus:** um delírio. Tradução: Fernanda Ravagnani. Companhia das Letras: São Paulo, 2007.

HITCHENS, Christopher. **Deus não é Grande**: como a religião envenena tudo. Tradutor: Alexandre Martins. Ediouro: Rio de Janeiro, 2006.

LEITE, Gisele. **O Perdão**. Revista Jus Vigilantibus, 2003. Acessado em 10 de Abril de 2011: http://jusvi.com/artigos/523

MARTINEZ, Paulo Ricardo. Por que um Deus-Homem? Liberdade e justiça na cristologia de S. Anselmo. In XAVIER, Maria Lenonor (org.). **A Questão de Deus na História da Filosofia**. Lisboa: Zéfiro, 2006.